



NO
QUARTO
DO
PEIXE

FABIANO DA MATA

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2022

A FORÇA

Notas escorrem pela parede do quarto; pingam chumbo na testa: é o *Gaspard de la nuit* pelejando numa vitrola. O disco, ansiando um giro perfeito, fazia com que as mãos do pianista tremulassem. A sombra da noite ia se revelando com um enforcado à luz de um sol cáustico. Da cama me levanto um pouco para ver se avisto essa cena por entre a parede que desaba suas cortinas. Firmo os olhos já cansados e ardidos de tantas viagens atormentadoras da mente, viagens a qualquer hora, causadoras de uma infernal insônia, enlouquecedora.

Um homem ia se destacando logo após o gelo acinzentado da parede. Os sinos da música me remetiam a ele e davam já a cena pronta: esse homem tem algo de mim. Sua-va muito. A noite seca e calorenta pertencia a uma estação desconhecida. O tempo fora diluído feito relógios de Dalí.

O tempo num solitário quarto dilui os sonhos na cama. Apanhar algo disso é tocar no etéreo. Arrasto o lençol para o lado. Meu gato agora me observa. Sento na beira da cama. Apoio uma das mãos sobre o queixo e deixo *Rodin* me esculpir. Penso, logo caem sobre minha cabeça todas as notas persistentes, e o enforcado se abeira.

Ansiando a tolice de que alguma razão pudesse me iluminar, clarear meu todo, meu não todo, meu dentro e fora,

meu sim e não ..., decido ser meus *intermezzos*, como se isso significasse lucidez. Nesse estado de meio-termo é que de repente me vi surgir do outro lado da parede, na figura do homem a descer do madeiro, vi o quanto há de real. O homem desenlaçou a corda que estava estancando seu pescoço e recolocou a sua cabeça num simples estalar de ossos. Nu e ensanguentado, pariu-se e já se pôs a andar feito bicho já preparado para a exigência de uma vida na selva. Descendo por um sinuoso trajeto desenhado na paisagem desértica, vinha em minha direção. Estaria eu presenciando alguma apoteose? Que ser é esse que fustiga minha alma turgente?

Os sinos se calam, curvam-se diante desse homem. Tudo se congela para que caminhe sobre meu cortejo. A noite está lá, agora, morando naquela paisagem, enquanto aqui, pelo olho do gato, já vejo o reflexo do sol. Este me exige certa reverência egípcia.

Adentro-me pelos olhos do felino, e o bichano se torna homem. Aquela figura deificada, contendo tantos mistérios meus, sussurra então o meu nome: “Carlos, Carlos...”. Era como batidas na porta em hora incômoda. Provocava eco interior. Adentrava sem pedir licença. Esse era mesmo o meu nome? Sentia como se não fosse. “Carlos” me dava brancos. Talvez seu último artifício seja o esquecimento.

“Não, não sou”. Queria que o murmúrio parasse; que houvesse algum tempo para consertar minha cabeça. Tapei os ouvidos e me agachei, indefeso. O homem, feito torre, cobriu-me com seus olhos. Havia formigas, areia e sangue em seus pés. Pés ossudos, com o segundo artelho proeminente, idênticos aos meus.

— Quem é, então? — Sua voz retumbante tremeu minha laringe. Saiu como minha. Veio-me o nome Casimiro,

mas esse não era eu. Decidi, então, respondê-lo com o que tenho por agora:

— Eu sou. — minha voz embargava. Das palavras, tinha apenas as suas pausas. — Eu sou, eu, outro eu, o resto, o completo, a falta cheia de si, falta que sou...

Estrondos chegavam por todos os cantos. Tremores de terra piscavam as luzes.

— Não pare — o homem pedia minha enxurrada.

— Eu sou o revelado, o oculto, a palavra salgada no peito...

Seus olhos se abotoam. Sua mandíbula desloca-se para os lados. Sua boca, engolindo cada palavra, se agiganta. “Eu sou...” Seus ossos crepitam, e o pescoço se enverga. Agora enorme, curva-se e passa a engolir a si mesmo. Tento parar, mas minhas palavras foram furtadas. Cerca-me o não dito.

O quarto se revira, e o chão desaba sobre nossas cabeças. O homem engoliu a si mesmo pelos pés. E nada mais vi.

RESTO DE LEMBRANÇA

Despertei com a vista embaçada. Areias riscavam minha pele e insistiam em cutucar olho adentro. O chão ainda pesava sobre minha cabeça — sinais do quarto restavam no corpo. Firmo a vista nalgum ponto. O sol queimava a paisagem e trazia ofuscamento.

— Levanta — uma voz açucarada tentava me alçar. Esfreguei os olhos, pisquei inúmeras vezes, até que vi uma mulher. Ela estava nua e mastigada. Na sua pele, via-se arranhões e alguns profundos vincos. Notando que me faltavam forças, recostou minha cabeça entre seus seios e me ofereceu um líquido. Meu corpo pensava por mim.

— Beba — sua boca era um cálice; suas palavras um licor. O que há mais para beber? Percebendo minha fraqueza e meu corpo feito em pedaços, ajudou-me a acomodar minhas mandíbulas. Assim, pude ter uma boca novamente.

O líquido doce e espesso, com gosto de maçã madurada, desceu queimando a garganta, acordando-me por dentro. Como um afogado que há pouco foi socorrido, expeli parte dele numa profunda tosse. “Tudo bem”, me tranquilizava.

A bebida me abriu os sentidos. Encontrava-me numa grande baixada. Tudo era muito simétrico e limpo. Havia um deserto de gente. Colunas imprimiam suas som-

bras sobre a área plana. Arcos desenhavam os frontões dos edifícios. Parecia imerso nalguma obra de Giorgio de Chirico. No horizonte, o mar descansava, cintilando-se com os raios de sol.

Já refeito, pus-me a levantar. Meu corpo era uma torre que se reerguia, um edifício a mais naquela paisagem; talvez um cisco. Ninguém descobriria seu paradeiro. Quanto a isso, nada de diferente. No quarto, já era invisível. Não me importa onde esteja. Sinto-me vivo, o que é algo raro. Talvez já sem vida, mas vivo. Não sei pelo que passo. Posso estar estrebuchando na cama, ou vegetando. Quem sabe sofrendo alguma rasteira do inconsciente. E se minha alma estiver penando, e devesse agora apelar por algum socorro? Possivelmente aquele enforcado seja eu, e o que sempre tive fora o esquecimento. Abriu-se uma senda, resta-me saber como caminhar por ela. Talvez costurando a memória, aprenda.

Carlos. Sim, é esse o meu nome. Posso me apresentar a essa generosa mulher; passar por cima de todas suas estranhezas; fingir normalidade. Deixá-la confortável para me dizer quem é, o que faz... entediá-la com todas as perguntas triviais. Pode ser que saiba mais de mim do que eu mesmo, e me aponte alguma tarefa ou nobre missão.

Percebendo minha lenta reação, cutucou-me com os olhos como se eu já soubesse o que indagar. Mas antes mesmo de abrir a boca, interrompeu-me:

— Você não sabe quem realmente sou?

Bastou o meu silêncio para que notasse que não.

— Minha cabeça dói. — Não sabendo o que dizer, foi minha dor quem exprimiu.

— É assim mesmo quando a queda é grande. Logo logo passa.

— Queda? Então, quem desabou foi eu? O quarto era uma gaiola que alguém revirou e sacudiu, até que eu caísse?

— Por aí, digamos que você é minha bola da sorte — parecia fazer troça de mim.

— Por acaso, quem é você? — essa minha pergunta soou um tanto quanto indelicada. Arrependi logo depois de tê-la dito.

— Ora, sou a revelada, a oculta, a palavra salgada no peito — sua brincadeira me assustava.

— Você é ele?

— Ele quem?

— Não se faça de desentendida. Ele, o enforcado.

Apenas esboçou um sorriso e deixou que seu olhar gatu- no me afligisse a alma. Apesar da idade, vinham-me sensações imberbes. Ademais, aparentava saber muito sobre mim, e isso me fazia presa fácil.

— Pareço-me com ele?

Sabia que essa era uma pergunta dispensável. Evidentemente que não parecia de modo algum. No entanto, suas marcas, seu conhecimento daquilo que saíra da minha boca, seu modo de me inquietar a alma... tudo isso me causava confusão.

Notando minha indecisão, não titubeou em tornar as coisas ainda mais difíceis:

— Diga-me quem sou. Quem sabe isso lhe refresque a memória.

Não conseguia me safar dessas perguntas. Não entendia o porquê dela não se identificar. Percebendo novamente o meu atraso, adiantou-se.

— Deixe-me te ajudar. Se quiser, pode me chamar de Justina.

— Esse nome não me é estranho.

— Se não fosse tão afobada, talvez lembrasse por si mesmo.
— Não sei. As coisas andam meio desarranjadas na minha cabeça. Mas confesso que saber do seu nome me trouxe algum alívio.

— Sim, mas isso não basta. Precisa saber de mais coisas.

— Quais coisas? Conte-me logo.

— Não é assim tão fácil. Sei em parte do que você precisa se lembrar. É como um quebra-cabeça. Cada um tem a metade das peças.

— Entendo, e em que momento haverá o correto encaixe?

Depois de um breve silêncio, respondeu:

— Acredito que já estejam se encaixando. Só precisa de novos impulsos.

— Que assim seja — respondia sem muito entender — Estou aberto ao que der e vier.

Não tinha certeza da minha tamanha coragem e desprendimento. Sentia-me vivo, pronto para algum recomeço, no entanto, sabia que antes, no quarto, havia uma vida, talvez cheia de infortúnios, mas havia, e está a puxar meus pés pelo medo.

Senti um calor invadir meu corpo. Era Justina que deslizava sua mão pelo meu braço. “Preciso que se lembre de algo que nos é especial”, me pegava novamente desprevenido. Suas palavras me deixavam ainda mais imerso naquele deserto luzidio. Seu toque pesava meus olhos que levemente caíam de prazer. Justina me afrouxava as pernas, trazia-me a timidez dos tempos de garoto.

“Olha para lá”, dizia-me apontando para uma diminuta estrada margeada por arbustos e outras vegetações rasteiras. “Do que você se lembra?”. O caminho ia se acabando em meio a uma baixa elevação. Nada me vinha em mente. “Olha

bem”, insistia, enquanto seus dedos acariciavam meus cabelos rente a nuca.

Com uma das mãos, protejo a vista do sol. Havia uma rua de terra, e por ela vinha um ônibus. O que Justina queria?

— Está perdido por aí, garoto? — Surpreendi-me, logo o veículo havia me alcançado, e do assento do ônibus, o motorista, calvo e encarquilhado, me indagava.

— Garoto?! — encuquei, mas logo respondi:

— Não, estou aqui na companhia... — olhava para todos os lados e não encontrava Justina. De repente, a vi por trás de uma das janelas do veículo. Decido entrar no seu jogo: — Sim, se puder me dar uma carona.

— E para onde está indo?

Essa era uma pergunta difícilíssima, a qual não sabia responder. Sequer a havia feito a mim mesmo. Pelo caminho, talvez me venha o que dizer. Como já havia dito, abriu-se uma senda, uma luz entrara no quarto escuro. Cabe a mim percorrê-la. Então, improvisei:

— Certamente para o mesmo lugar para onde está indo.

— Não me venha causar problemas, garoto! — coçava a cabeça, pensando no que fazer comigo. Olhava para um lado e para o outro, mas não se demorou nisso:

— Vai, entra logo, há muitos perigos por aí, ainda mais para alguém da sua idade. Entra, depois resolvo a sua situação.

Entrei, portanto, sem cerimônia. Além do mais, queria saber que passeio é esse que Justina me aprontou. Ainda não entendia qual a intenção dela, e o porquê da minha mente me pregar essas peças. Sentia-me sempre num não-lugar, imerso numa atmosfera de sonho. Mas tudo é muito real, e para piorar, as memórias do quarto zarparam para bem longe.

Livros iluminam

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em maio de 2022.
